Temporalidades migratórias na sociedade cubana: interações comunicativas e estruturas morais[1]

Migration temporalities in Cuban society: communicative interactions and moral frameworks

Ângela Cristina Salgueiro Marques[2]

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Integra os grupos de pesquisa MARGEM – Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça (UFMG); Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença (DIZ, UFV); Grupo de Pesquisa Corpo, Imagem e Sociabilidade (UTP).

Elisa Hernández[3]

Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, com estágio na Universidade do Québec à Montréal (UQAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça – MARGEM. Formada em Jornalismo pela Universidad de La Habana, em 2011, e especialista em Jornalismo para o Desenvolvimento pelo Indian Institute of Mass Communication, New Delhi.

Resumo

Cuba é uma sociedade atravessada por muitas ondas migratórias desde o triunfo da Revolução em 1959 e atualmente está imersa nas recentes transformações da política migratória. Esta análise das conversações *online* sobre migração no fórum de comentários do site Cubadebate (de 2013 a 2017) visa mostrar como as temporalidades migratórias atravessam a construção coletiva e intersubjetiva de marcos morais avaliativos em torno do sujeito emigrado na atual sociedade cubana. Assim, o texto incentiva a reflexão sobre a ideia de vulnerabilidade associada aos emigrantes em sua sociedade de origem.

Palavras-chave: temporalidades migratórias, conversações *online*, interações comunicativas, sujeito imigrante, estruturas morais, Cuba.

Abstract

Cuba is a society crossed by many waves of migration since the triumph of the Revolution in 1959 and is currently going through recent changes in migration policy. This analysis of online conversations about migration in the Cubadebate commentary forum (from 2013 to 2017) aims to show how migratory temporalities cross the collective and intersubjective construction of evaluative moral frameworks around the émigré subject in current Cuban society. Thus, the text encourages reflection on the idea of vulnerability related to émigrés in their society of origin.

Keywords: migratory temporalities, online conversations, communicative interactions, émigré subject, moral frameworks, Cuba.

1. Introdução

Compreender a migração como um fenômeno coletivo sugere, segundo Sayad (1998), que o ato individual de mobilidade envolve não apenas o corpo do migrante, mas também o outro que, sem deixar seu espaço físico de origem ou destino, é também afetado pela *dupla ausência* do migrante. No entanto, esse movimento inaugura também uma dupla presença, o desejo e/ou a urgência de estar em vários lugares ao mesmo tempo, revelando uma dimensão política da alteridade que sempre situa a migração em relação ao contexto, em um corpo social que se estende além das fronteiras geográficas do estado-nação. Assim, a migração pode ser entendida como um fato social total (Sayad, 1998), ou seja, um fato que permeia as sociedades em suas múltiplas temporalidades e espacialidades, impactando nos processos de reorganização de experiências, transformações materiais e na produção de subjetividades.

1 Este trabalho foi realizado com o apoio da CAPES e do CNPq.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5038152185134297. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2253-0374. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

3 Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2358520483579940. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8704-2227. E-mail: elisabeatriz88@gmail.com

As abordagens de Wihtol de Wenden (2016) e Sayad (1998) permitem ir além da importância generalizada dos estudos de migração social sobre os processos de integração e acolhimento de migrantes nas sociedades de trânsito ou destino, reconfigurando a ideia pacífica da pátria enquanto um lugar no qual todas as garantias teriam sido dadas previamente aos sujeitos. Nesse sentido, tomamos como estudo de caso o contexto cubano, para mostrar como essas vulnerabilidades estão presentes na sociedade de saída dos migrantes, como os sentidos são construídos coletivamente em torno da migração ao longo do tempo e como os processos de comunicação no espaço público podem indicar reconfigurações neste cenário.

A partir da análise das conversações sobre migração no fórum de comentários do *site* Cubadebate, buscamos mostrar como as temporalidades migratórias perpassam as transformações sociais na ilha, permitindo a reconfiguração discursiva de quadros morais de valorização na sociedade cubana atual. O *site* Cubadebate[4], criado pelo governo cubano em 2003 para divulgar e defender as ideias do projeto revolucionário cubano na rede digital, tornou-se o maior *site* de notícias do país[5], configurando-se também como uma referência mundial sobre a sociedade cubana[6].

O desenvolvimento do Cubadebate se deu quando a conexão dos cubanos passou a ser feita quase exclusivamente por canais institucionais, sendo geralmente limitada a domínios nacionais[7]. Somente em 2015 o acesso à internet em Cuba passou a ser feito por meio de redes *wi-fi* (em espaços públicos, como praças, parques ou cafés). Contudo, o serviço continua precário em muitas partes do país, e as assimetrias se aprofundaram ainda mais devido às barreiras de controle de transmissão impostas pelo governo por meio de um monopólio empresarial de telecomunicações (ETECSA)[8]. As condições desiguais de acesso e o alto custo da conexão (em relação à renda média dos habitantes da ilha) mostram que o crescimento das redes sociais digitais em Cuba não corresponde aos parâmetros dos países capitalistas (Hernández e Marques, 2019). Ainda que os cubanos tenham ingressado gradativamente no espaço digital nos últimos anos, é possível perceber a persistência de dificuldades tecnológicas, econômicas e políticas que limitam os usos e apropriações das redes digitais e de suas possibilidades.

Neste contexto, o fórum tem um aumento no número de comentários trocados a partir de cada artigo publicado no site Cubadebate e ganhou alguma popularidade nos últimos anos. Essa reverberação das conversações aí realizadas fez com que os agentes o reconhecessem como um dos poucos espaços digitais interativos que permitiam aos cubanos (localizados dentro e fora do país) debaterem acontecimentos nacionais, bem como expressar opiniões e críticas dirigidas especificamente ao governo e à perspectiva consensual dos meios de comunicação oficiais[9]. A expansão da conexão 3G (desde 2019) tem permitido algumas possibilidades de criação de espaços digitais nos quais os cubanos começam a estabelecer discussões políticas em torno de questões coletivas, apropriando-se de dispositivos tecnológicos e das raras oportunidades de conexão.

O *site* Cubadebate geralmente publica notícias nacionais e internacionais reproduzindo-as de outras mídias, pois o fórum não possui uma dinâmica de produção de informação bem estabelecida e há um baixo nível de elaboração jornalística própria, de forma que a interatividade do fórum se tornou uma característica importante para fortalecer seu posicionamento nacional. Embora o *site* tenha sido concebido como uma voz do governo cubano diante da "guerra da mídia" digital internacional contra Cuba, tornou-se um espaço central de comunicação para os cubanos que tinham acesso à internet na ilha, bem como para emigrantes que buscavam informações oficiais sobre acontecimentos em seu país de origem. O fórum de comentários se caracteriza pela interação assíncrona, ocorrendo por meio de uma interface cujo *design* ainda é precário e que, na maioria das vezes, não promove reciprocidade entre os interlocutores. No entanto, a possibilidade de participar de trocas de forma protegida pelo anonimato oferece uma oportunidade de expressão crítica, visto que se trata de um ambiente monitorado pelo governo e um espaço público sujeito ao forte controle

4 Disponível em http://www.cubadebate.cu/; acesso em 24/01/2021.
5 No momento em que essa pesquisa foi realizada, Cubadebate ocupava o sexto lugar entre os *sites* mais consultados no país, sendo o primeiro do gênero a divulgar informações de interesse público. Ver: https://www.alexa.com/topsites/countries/CU; acesso em 15/07/20.
6 O sistema midiático cubano é absolutamente controlado pelas orientações ideológicas do Partido Comunista de Cuba (PCC), que limita consideravelmente a existência de espaços públicos de discussão que alimentem a presença de opiniões críticas e diversas.
7 Um grande número de pessoas com acesso aos serviços de conexão fornecidos pelo governo (no local de trabalho ou em domicílio) são profissionais de domínios específicos (artistas, jornalistas, médicos) ou funcionários que podem navegar gratuitamente na rede nacional (intranet), na qual Cubadebate possui uma posição privilegiada (Hernandez e Marques, 2019).
8 O governo colocou em vigor práticas de censura que incluem a interdição seletiva do serviço de conexão à Internet, o acesso às informações de usuários e o bloqueio dos *sites* e plataformas estrangeiros (Hernández e Marques, 2019).
9 Ainda que os veículos oficiais não atinjam uma grande visibilidade nacional no ambiente digital, notamos um aumento dos *blogs* (anos 2000) e de mídias digitais alternativas (a partir de 2014), assim como uma participação crescente de cubanos nas redes digitais, o que nos permite uma melhor compreensão do contexto digital em Cuba atualmente (Padilla, Ramírez e Corcho, 2017).

da censura (Hernández e Marques, 2020). Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa sobre os comentários trocados no *site* acerca da questão migratória entre os anos de 2013 e 2017.

Cuba é uma sociedade atravessada por numerosas ondas migratórias desde o triunfo da Revolução de 1959, principalmente por um tipo de emigração-exílio de caráter "sem volta", e que durante este período estudado sofreu importantes transformações para uma política migratória mais flexível, apesar da persistência do mesmo sistema político no país. Trata-se do surgimento de um novo panorama migratório, amparado pelas leis cubanas que facilitaram a circulação de pessoas na fronteira (2013) e as relações do Estado com sua diáspora (2018), bem como o fim da política americana de "pés secos, pés molhados" (2017), que incentivou e facilitou a imigração ilegal cubana para os Estados Unidos. A Reforma da Migração cubana (2013) eliminou procedimentos burocráticos que, em nome da segurança nacional, restringiam as viagens de Cuba ao exterior e interferiu no aumento dos êxodos migratórios ocorridos por motivos políticos ou econômicos neste período.

A pesquisa que deu origem a este trabalho incluiu a análise de fóruns de comentários sobre 28 artigos com o tema migração postados no *site* Cubadebate durante este período, que geraram aproximadamente 4 mil comentários no total. Este *corpus* foi composto a partir de seis eventos vinculados à migração cubana e que estimularam uma grande participação cívica no debate sobre o tema (leis, crises migratórias, medidas adotadas por governos estrangeiros com impacto na emigração cubana, etc.). Para cada um desses eventos, selecionamos as postagens e conversações que tiveram grande repercussão, incluindo também aquelas que foram publicadas alguns dias após cada evento e que receberam pelo menos 50 comentários.

Os trechos das conversações analisadas neste artigo podem nos ajudar a compreender alguns aspectos do tema abordado, especialmente no que se refere ao anúncio de medidas migratórias pelo governo cubano, em outubro de 2017, em particular a autorização de retorno de emigrantes que supostamente deixaram o país ilegalmente e foram impedidos de retornar a Cuba por oito anos. Outros comentários analisados referem-se à eliminação da chamada política de "pés secos, pés molhados" que, de alguma forma, "permitiu" a emigração ilegal de cubanos para os Estados Unidos.

Observamos discussões que evidenciaram as tensões simbólicas entre migrantes legais e ilegais, a negociação das relações Estado-cidadão na fronteira, bem como a recuperação de uma memória migratória de várias décadas de êxodos que hoje fazem parte da construção política e cotidiana da sociedade cubana. A perspectiva metodológica adotada pela pesquisa visa compreender a dimensão política dessa dinâmica conversacional, na medida em que ela se concretiza no seio de um sistema midiático centralizado, mas é desafiada pelo surgimento de novas tecnologias, e posicionada em relação à historicidade dos processos sociopolíticos que ocorrem no grande marco temporal da Revolução (Hernández, 2020).

As dimensões acima destacadas nos levam a refletir sobre como as opiniões expressas pelos interagentes autores dos comentários desencadeiam histórias de vida pessoais, relatos nacionais, que se entrelaçam com a história recente do país e a problemas latentes do imaginário social que poderiam ser transpostos para um espaço público de visibilidade e questionamento coletivo. Assim, adotamos uma perspectiva metodológica que nos permite analisar a constituição dessas identidades discursivas no processo de interação *online*. Nosso interesse consiste em ver como essa temporalidade migratória influencia as formas através das quais os sujeitos "são nomeados" e "se desidentificam" em relação às categorias de valores e aos padrões históricos e sociais atribuídos de forma hierárquica pelos discursos dominantes e pelas situações conjunturais específicas que influenciam esse enquadramento de sentido.

A consideração dessas tentativas de classificar e despersonalizar os sujeitos e seu lugar de fala permite-nos analisar como os interlocutores constroem uma cena polêmica interacional ao perceber que a trama na qual se inserem é fruto de um atrito constante entre i) a identidade social atribuída ao cubano e ii) as múltiplas identidades e identificações construídas na situação vivenciada, entre várias vulnerabilidades e modos de enfrentá-las, apresentando o cubano como sujeito digno e participante da definição constante dos laços afetivos e econômicos que unem os emigrantes aos cubanos que vivem na ilha (Marques, 2016).

A dimensão intersubjetiva do processo comunicativo requer o reconhecimento dos interlocutores como sujeitos dignos de fala, o que implica tentar abordar as diferenças do mundo do outro através da diversidade de formas de expressão que são utilizadas pelos sujeitos e que caracterizam a interação e conversa informal. Em vez de considerar o caráter espontâneo e desestruturado da conversa como obstáculo ao processo de argumentação que visa o entendimento mútuo, é preciso levar em conta que o sujeito ouve falar de si mesmo, de seus grupos, de suas comunidades, de suas histórias que, embora certamente vividas em um aspecto subjetivo, fornecem, no entanto, condições objetivas e subjetivas para identificarmos suas fontes e refletirmos sobre sua ocorrência (Marques e Martino, 2017, p. 14).

A experiência migratória permite explorar a dimensão comunicacional das trocas para compreender "os acontecimentos de reconfiguração dos modos de estar junto como uma transformação a partir e sobre a concepção do outro" (Russi, 2016, p. 13). Nesse sentido, os fluxos migratórios não representam apenas o simples movimento do corpo, pois sua dimensão simbólica "se explicita nas formas de ser e de viver, nos modos de apropriação da vida cotidiana, das interações e das relações intersubjetivas construídas" (Russi, 2016, p. 17).

Com base nessas observações, o texto está dividido em duas partes principais. Primeiramente, discutiremos as particularidades dos diferentes momentos do êxodo migratório durante o período revolucionário cubano, a fim de mostrar como essa historicidade configura, no discurso oficial do governo, um certo imaginário popular sobre o emigrante cubano. Mostramos essa evolução em dois momentos específicos: as primeiras quatro décadas da Revolução como período de cristalização de discursos e designação de emigrantes; e o período após a década de 2000, que evidencia certas transformações no papel dos imigrantes na sociedade cubana e o relaxamento do tratamento governamental aos cidadãos migrantes e à comunidade diaspórica (abrangendo o período analisado por esta pesquisa). Na segunda parte, começamos descrevendo brevemente o ambiente de Cubadebate e seu fórum de comentários, e depois passamos à configuração discursiva desses enquadramentos morais em torno dos migrantes, evidenciando a forma como os conflitos de sentido são tecidos em uma interação comunicativa com o objetivo de reorganizar as relações de poder preestabelecidas de forma hierárquica na sociedade cubana e que aparecem tensionadas em uma conversa ao longo do eixo da temporalidade migratória.

2. A historicidade da migração na era revolucionária de Cuba: a era passada

Nos Estados Unidos, cerca de 2,5 milhões de imigrantes cubanos foram identificados recentemente entre imigrantes e descendentes de primeira geração (American Community Survey, 2017). Esse país se tornou um destino de escolha para esses movimentos migratórios nas seis últimas décadas. Cada um dos principais momentos migratórios do período revolucionário em Cuba é determinado por diferentes condicionantes históricos, econômicos e sociais, que se traduzem em uma média de 30 mil viagens migratórias anuais entre 1959 e 2017 (Onei, 2005; 2015). Deve-se notar, entretanto, que os dados sobre a migração em Cuba são fortemente enviesados por várias restrições e interpretações[10]. A seguir, algumas características desse êxodo são explicadas, tendo em vista que essa periodização diz respeito, em particular, à emigração para os Estados Unidos (Datosmacro.Com, 2015; Arboleya, 2015; Pedraza, 2008; Duany, 2005), e como as diferentes etapas da migração influenciaram a construção de um discurso nacional excluindo o sujeito migrante da vida pública e política do país (Alfonso e Sánchez, 2017).

A primeira fase pode ser definida como o exílio da elite burguesa (1959-1962). Diante das primeiras medidas revolucionárias (nacionalização da indústria estrangeira, expropriação de terras, reforma agrária, ruptura das relações diplomáticas com os Estados Unidos, etc.), os ricos proprietários e comerciantes da classe branca burguesa da ilha fugiram para territórios norte-americanos. Esse fluxo terminou com a suspensão dos voos entre os dois países durante a crise dos mísseis, em outubro de 1962. Naquela época, o enquadramento definitivo do fenômeno migratório cubano já estava em gestação em um momento posterior, quando o líder Fidel Castro sublinhou: "Os que se interessaram para que não houvesse uma Revolução, os que não a quiseram, os que não puderam jamais aceitar a Revolução, não estão hoje entre nós" (Castro, 1961 *apud* Alfonso e Sánchez, 2017)[11].

A segunda etapa abrange a onda migratória de "exilados autorizados" (1965-1973). Em 1965, o governo cubano permitiu que as pessoas saíssem livremente do porto de Camarioca (próximo a Havana), de onde chegavam barcos de imigrantes de Miami para levar seus familiares aos Estados Unidos. O coro popular gritou "que se vayan!" (Vão embora!), liderado pelo próprio Fidel: "Ninguém deveria partir, não! Mas até lhes emprestamos um barco" (Castro, 1965 *apud* Alfonso e Sánchez, 2017). Essa foi a definição da emigração como abandono, como um movimento sem volta.

A preocupação de Washington com essa abertura levou à assinatura de um protocolo de entendimento garantindo um fluxo ordenado e seguro de migração por meio dos chamados voos de liberdade, que duraram até 1973, quando o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, suspendeu o negócio. Nessa época, o governo dos Estados Unidos também havia criado o Programa de Refugiados de Cuba em 1961 e, em 1966, implementou a Lei de Ajuste de Cuba (CAA), ainda em vigor, para oferecer

10 Um imigrante cubano é considerado, para fins jurídicos, como um sujeito que estabelece sua residência permanente no exterior e que não retornou à Cuba nos últimos 24 meses. Contudo, vários cidadãos que emigraram não são considerados pelas estatísticas oficiais do governo cubano, porque eles visitam a ilha periodicamente, ou ao menos dentro dos prazos previstos pela lei.

11 Do original: "Los que no querían y estaban interesados en que no hubiera Revolución, los que jamás podían aceptar la Revolución, no están hoy con nosotros".

ajuda econômica e o direito de residência permanente para cubanos que chegam ao país.

A terceira etapa, por sua vez, inclui a crise migratória e a *geração Mariel* (1980). Após os sucessos diplomáticos de 1979 em Havana (1979)[12], o governo da ilha permitiu que os cubanos deixassem o porto de Mariel a bordo dos navios de suas famílias originárias de Miami, principal local de assentamento da diáspora cubano-americana. Os *marielitos* diferiam dos primeiros grupos de emigração burguesa, porque eram predominantemente jovens, com maior representação do setor operário, negros, intelectuais e artistas que não apoiavam o sistema, etc. Eles já viviam há duas décadas o processo revolucionário cubano e mantinham laços afetivos mais estreitos com seus familiares e amigos da ilha (Wihtol de Wenden, 2016).

O governo cubano também exigiu que os navios de famílias que viviam em Miami transportassem outras pessoas que, segundo ele, "queriam emigrar", mas que eram consideradas "indesejáveis" pelo regime: presos políticos e criminosos, homossexuais, doentes mentais, etc. Fidel Castro referiu-se aos *emigrantes de Mariel* como fracos, como se fossem tipos inescrupulosos que estavam escondidos (Castro, 1980 *apud* Alfonso e Sánchez, 2017). Assim, destacou-se a estigmatização dos migrantes cubanos como "malvados" e "imorais", a fim de mobilizar atos populares de repúdio, humilhação e agressão nos bairros contra esta onda de emigrantes (era frequente, por exemplo, o gesto de jogar ovos contra essas pessoas e também lançar maldições às suas casas, etc.), uma vez que se tornaram a "escória" que "saiu" do país.

A quarta etapa diz respeito aos primeiros acordos de migração (1984-1994). A experiência negativa deixada pela emigração de Mariel para os dois países levou ao estabelecimento dos primeiros acordos bilaterais de migração. De acordo com esta legislação, o governo cubano deveria controlar a emigração ilegal para os Estados Unidos, enquanto os americanos teriam que permitir 20 mil vistos anuais para cubanos (limite máximo para um único país), o que permitiria a emigração legal. Os acordos, no entanto, não foram totalmente aceitos devido a atritos políticos entre os dois países.

A quinta etapa foi chamada de crise dos *balseros* (1994). A profunda crise econômica que eclodiu em Cuba em 1990, após o fim do socialismo europeu, desencadeou uma nova onda de emigração ilegal para os Estados Unidos, apesar das inúmeras tentativas das autoridades cubanas para evitá-la. Em 1994, a crise tornou-se insuportável na ilha, e o sequestro de navios do Estado, seguido por um levante popular em Havana, levou o governo a reabrir as fronteiras marítimas para a emigração[13]. Na memória coletiva, esses emigrantes passaram a ser reconhecidos pejorativamente como *chevrons*, referindo-se às jangadas ou aos barcos rústicos e artesanais com que cruzavam o estreito da Flórida. Em suma, a palavra *chevrons* era o rótulo para nomear sujeitos percebidos como "irresponsáveis" e "moralmente inferiores" à "grandeza" do povo revolucionário.

A situação levou à assinatura de um novo acordo bilateral sobre migração (1994-1995), no qual as partes estabeleceram seus deveres: os Estados Unidos devolveriam os imigrantes ilegais interceptados e Cuba os recuperaria (o que significa mudar a lei cubana que considerava a migração ilegal um crime[14]). Apesar dessa promessa, os Estados Unidos proclamaram então o que ficou conhecido como a lei "pés secos, pés molhados", estipulando que os migrantes ilegais proibidos e interceptados no mar (pés molhados) seriam devolvidos a Cuba, enquanto aqueles que alcançassem as terras americanas (pés secos) poderiam ser acolhidos e usufruir dos privilégios concedidos aos cubanos.

Como resultado desses processos migratórios, Alfonso e Sánchez (2017) definiram claramente a conformação de um imaginário nacional em torno do emigrante cubano como sujeito excluído, graças à convergência de políticas governamentais e discursos oficiais que favoreciam a oposição entre "nós" e "os outros". Nós, isto é, os cubanos revolucionários que se opunham a eles, os traidores que "abandonaram" sua pátria. No entanto, as etapas descritas acima indicam mudanças na paisagem migratória cubana ao longo de várias décadas, de modo que as fabulações sobre o exílio anticastrista adquirem novas conotações ao final do século XX. O foco exclusivo sobre a emigração para os Estados Unidos e as distinções entre emigração legal e ilegal, portanto, não cobrem todo o cenário de formas mistas de migração, combinando motivos econômicos e políticos e traçando caminhos muito mais irregulares para vários destinos.

3. Novas perspectivas sobre a questão da migração cubana

O intervalo de tempo escolhido para compor esta pesquisa compreende um período recente do processo

12 Ele se refere aqui à invasão forçada da Embaixada do Peru em Havana por parte de vários cubanos para demandar asilo político (1979): uma crise diplomática entre Cuba e Peru, que incitou o governo cubano a autorizar a livre saída pelo porto de Mariel (perto de Havana), uma situação que durou até 1981.

13 Após esses acontecimentos, cerca de 36 mil pessoas embarcaram em navios rústicos, o que colocou as autoridades americanas em estado de alerta, obrigando 30 mil desses cubanos a serem confinados em bases militares situadas em outros países.

14 Lei Nº. 989 (1961), que foi modificada com a Reforma da migração cubana de 2013.

de transformação em Cuba e também os quatro anos do segundo e último mandato do presidente Raúl Castro. Em 2011, Raúl Castro reconhece publicamente que, "hoje, a grande maioria dos emigrantes cubanos se encontra nesta situação por razões econômicas [...] quase todos preservam o amor à família e à pátria que os gerou e expressam sua solidariedade a seus compatriotas de diferentes maneiras" (Castro, 2011 *apud* Alfonso e Sánchez, 2017). Assim, discutimos eventos importantes relacionados com a migração e que estimularam diversos debates *online* entre 2013 e 2017 sobre a reconfiguração das noções escolhidas para identificar e enquadrar o emigrante.

Essas tensões históricas entre Cuba e os Estados Unidos, bem como a perda de profissionais qualificados (formados gratuitamente pelo governo revolucionário), levaram o governo cubano a adotar uma política de emigração restritiva. Por razões de "segurança nacional", foi aprovada uma "autorização de saída" em 1976: trata-se de um documento emitido pelo Ministério do Interior de Cuba que permite a entrada de cidadãos cubanos em países estrangeiros. Deve-se notar que a reforma migratória cubana de 2013 foi o elemento-chave na mudança da paisagem dos fluxos e deslocamentos entre a ilha e, sobretudo, os Estados Unidos.

Duas medidas, no âmbito desta legislação, tiveram um impacto direto no modelo cubano de migração: a) a eliminação da autorização de saída do país imposta aos cidadãos cubanos, embora um grupo de profissionais e funcionários não descartasse a possibilidade de retenção do capital humano (médicos) e de pessoas que trabalham na segurança nacional (domínios específicos de atuação); b) a extensão do prazo de autorização de permanência para cubanos no exterior de 11 para 24 meses, possibilitando a preservação dos direitos dos emigrantes cubanos em seu país de origem.

No final de 2015, a crise dos migrantes cubanos na América Central também foi marcante. O anúncio da reaproximação diplomática entre Cuba e os Estados Unidos no final de 2014 (sob a administração de Barack Obama) suscitou esperanças e rumores sobre a possível retirada dos privilégios americanos concedidos aos emigrantes cubanos[15], resultando em um nova crise dos fluxos migratórios para os Estados Unidos, semelhante à crise dos *balseros*, mas com outras estratégias. Os cubanos começaram a viajar aos países vizinhos sem visto (Equador, Guiana, por exemplo), para continuar a viagem por terra (América Central) até o Norte. Assim, em novembro de 2015, a crise se intensificou com a concentração de milhares de cubanos nos territórios da América Central, o que gerou tensões diplomáticas entre os países envolvidos, em particular Cuba e os Estados Unidos, em busca de uma solução apropriada. O movimento mais ou menos organizado desses migrantes para os Estados Unidos foi uma solução paliativa para a situação (Cortez Sosa, 2016; Díaz Aja *et al*., 2017).

Em janeiro de 2017, outro evento impactou a reconfiguração da situação migratória na ilha: o governo Obama finalmente eliminou a política de "pés secos, pés molhados" e também o programa de palestras para profissionais de saúde cubanos, que incentivava a emigração ilegal de médicos cubanos em missões de cooperação governamental em vários países do mundo. Apesar do sentido supostamente positivo da medida nas relações bilaterais, para alguns cubanos isso significou a retirada dos privilégios migratórios que sustentavam o projeto de vida de parte da população. Em todo caso, a chegada de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos marcou a reversão de muitos acordos que haviam feito avançar as relações diplomáticas bilaterais, como a retirada de funcionários consulares de Havana e a realocação de serviços de migração na Colômbia e na Guiana, por exemplo.

Por outro lado, apesar das tensas relações entre o governo cubano e os emigrantes da diáspora, os laços emocionais, econômicos e culturais entre a população cubana dentro e fora do país extrapolam o quadro da biopolítica de controle empregada pelo governo. A cristalização da cultura migratória na ilha ao longo dos anos e o aprofundamento das relações transnacionais entre os cubanos dentro e fora do país trouxeram novas noções de bem-estar e fomentaram as relações econômicas por meio de remessas de dinheiro, o que levou a mudanças na imagem dos imigrantes, vistos como "salvadores" em meio à crise dos anos 1990 (Eckstein, 2009).

Assim, no início de 2018, o governo cubano implementou uma série de medidas que aproveitam essas relações, em particular a entrada no país dos cubanos que emigraram ilegalmente e foram proibidos de retornar por oito anos. Em meio a todas essas temporalidades, a sociedade cubana é confrontada atualmente com a possível configuração de projetos de vida individuais e familiares que favoreçam e/ou naturalizem a opção migratória e que tendam ao discurso pejorativo de desprezo sobre a figura do imigrante.

4. O sujeito emigrante nas conversações políticas do *site* Cubadebate: os tempos atuais

O sistema político cubano, marcado pela centralização do poder oficial dentro do Partido Comunista Cubano

15 As medidas americanas de migração que favoreciam a entrada e a permanência dos cubanos no território americano se inscreviam em uma estratégia de agressão contra a ilha, que poderia desaparecer se os dois países restabelecessem suas relações sem os constrangimentos das normas restritivas.

(PCC), determina diretamente a configuração dos espaços de comunicação pública na ilha. A demanda por posições políticas radicais a favor do processo revolucionário, a metáfora do "quadrado sitiado" que não admite critérios divergentes, a reprodução do capital simbólico socialista pela classe dominante e a intervenção do partido como regulador absoluto da vida social caracterizam o sistema midiático cubano.

Nesse sentido, os primeiros anos da Revolução também desencadearam um processo de transformação da imprensa liberal e de nacionalização dos meios existentes no país, de modo que um sistema de comunicação "se organiza para articular a construção de um novo consenso revolucionário e se legitima em espaços até então esquecidos no campo da comunicação política: a praça pública, cartazes e práticas de comunicação como o oratório" (Salazar, 2017, p. 40). A estrutura institucional dos meios de comunicação implantada em Cuba reproduziu posteriormente o modelo de imprensa idealizado por Lenin e aplicado na ex-URSS, que via os meios de comunicação como poderosos instrumentos de formação, organização e mobilização social em torno dos ideais do projeto revolucionário, com forte traço propagandista.

Os meios de comunicação nacionais e internacionais são supervisionados diretamente pelo Departamento de Ideologia do Comitê Central do PCC, para que os meios de comunicação cubanos se considerem estatais e como meios oficiais de divulgação de informações subordinadas ao governo, a seus objetivos e à sua ideia de conteúdos a serem divulgados. Como resultado, consolidou-se um modelo de gestão monopolística centralizado e organizado, que não atende às necessidades da cidadania nem reflete a pluralidade de vozes da sociedade civil cubana (Herrera, 2016). O caráter propagandista dos meios de comunicação oficiais cubanos requer, portanto, a construção de um imaginário social dentro do perímetro dos ditames do governo, multiplicado pela rede de meios de comunicação exclusivamente governamentais autorizados pelas instituições administrativas e jurídicas.

Neste contexto, o portal informativo Cubadebate tornou-se o primeiro *site* mundial a tratar de temas relevantes acerca do contexto cubano e o *site* mais bem posicionado em nível nacional, ultrapassado apenas pelo Google e pelas redes sociais[16]. Pioneiro da paisagem digital cubana, o *site* tem como objetivo promover o projeto social e político cubano em meio a um contexto de mídia emergente e global. No entanto, adotar a lógica digital também significou mudar os padrões de pensamento que governam o sistema de mídia nacional, projetado verticalmente para manter a hegemonia ideológica dentro das atividades diárias da ilha. A adesão, em junho de 2009, à plataforma Wordpress abriu caminho para a implementação de um fórum de comentários, que dinamizou a esfera pública cívica em Cuba através de conversações entre cubanos da ilha e do exterior.

É certo que o ritmo de crescimento das oportunidades de discussão *online* oferecidas pelas redes sociais em todo o mundo difere muito da realidade cubana, devido às dificuldades de infraestrutura do país para acessar a conexão à internet. Nesse sentido, o campo de comentários do *site* há muito se tornou um espaço interativo muito apreciado pelo público cubano, ou pelo menos por quem tem acesso à rede *wi-fi* (a maioria são profissionais vinculados a instituições governamentais, jornalistas, funcionários do estado, estudantes, médicos, etc.). A participação no fórum depende da agenda do *site*, e o ritmo das publicações (eventos, artigos de opinião, análises políticas, entrevistas) orienta a mobilização das discussões em torno de assuntos específicos que marcam os temas significativos da agenda coletiva que seriam tidos como de interesse público.

O *site* Cubadebate surgiu com projeção internacional, mas o trabalho de posicionamento e aprimoramento das formas de comunicação digital do *site*, o esforço de articulação com outras arenas institucionais e midiáticas do país bem como o aumento do acesso à internet em Cuba resultaram no aumento da demanda interna para o tratamento e discussão de questões delicadas da realidade do país. Deve-se notar, entretanto, que esta ampla participação dos leitores nos debates sobre o Cubadebate não supõe, em absoluto, que a maior parte da população tenha acesso a este espaço discursivo, pois a conexão à internet em Cuba ainda é muito limitada e é necessário um estudo aprofundado de seus usos e apropriações.

Partindo da delimitação de seis momentos-chave do período de estudo, selecionamos 28 conversações ocorridas a partir de publicações no *site* sobre diferentes eventos migratórios, totalizando 4.199 comentários. Apresentamos a seguir algumas análises das interações ocorridas no fórum de forma a mostrar as nuances da construção coletiva dos nomes usados para julgar moralmente os emigrantes cubanos. Evidenciamos também os processos conflitivos de desidentificação em relação à tipificação de cubanos que são julgados dignos ou não de consideração nas conversações que cruzam as temporalidades vividas e as experiências elaboradas discursivamente no fórum. Mostraremos, assim, como esse processo dissensual entre tipificação e desidentificação ativa a memória coletiva de uma experiência migratória comum, que se confronta simultaneamente com várias singularidades no exercício de uma comunicação capaz de reconfigurar os

16 Ver o *site* Alexa, disponível em https://www.alexa.com/siteinfo/cubadebate.cu; acesso em 15/04/20.

papéis sociais hierárquicos e historicamente atribuídos aos cubanos migrantes.

5. "Traidor", "desertor", "balsero": o conflito do tempo

A avaliação dos processos de escritura utilizados na troca comunicativa *online* no *site* Cubadebate mostra que a tipificação se torna um meio de priorizar os discursos e os lugares sociais que permeiam esse espaço público. Frequentemente percebemos que a compreensão de questões sensíveis e suas implicações parece se desdobrar em uma escala de classificação moral de "tipos cubanos", constantemente reconfigurada a partir da localização dos sujeitos no mapa das imagens migratórias das últimas décadas. A concepção difundida do movimento migratório irregular como um ato ilícito opera principalmente na categorização dos migrantes como seres inferiores e fora da lei. Como vimos, essa percepção no contexto cubano está sempre ligada à história das migrações no período revolucionário, às conjunturas sociopolíticas e aos discursos específicos que marcaram negativamente a imagem do imigrante.

É importante destacar aqui que questões sensíveis estão associadas aos motivos que levam as pessoas a se "enredarem" em debates *online*, destacando menos o grau de racionalidade das trocas argumentativas e mais as "narrativas" que sugerem proximidade, cumplicidade, partilha. Assim, os interlocutores, ao se nomearem como pertencentes a esta ou aquela categoria, ao dizerem desta ou daquela experiência, ou testemunharem sobre tal ou tal fato que os atravessa, entram em um delicado jogo de aproximação e afastamento dos "nomes" comumente usados para defini-los, buscando também tematizar qual é o cenário discursivo polêmico que se cria em torno deles.

Durante a crise da migração cubana na América Central, em novembro de 2015, os comentaristas do Cubadebate referem-se aos migrantes como ilegais, ladrões e bandidos, traidores e vendedores da pátria, irresponsáveis. Essas nomeações costumam desencadear cenas polêmicas de interação em que tais posições são vistas como obsoletas, exigindo solidariedade com os cubanos, às vezes chamados de irmãos, ou vítimas do jogo político entre Cuba e os Estados Unidos. Nesse sentido, as operações semântico-simbólicas permanecem no domínio coletivo, preservando a memória do que foi historicamente entendido no contexto cubano como "sujeito migrante irregular", ao mesmo tempo que apelava aos valores vinculados à comunidade socialista. No enfrentamento e nas tentativas de defesa desse ponto de vista, os interlocutores questionam-se, para além das categorizações morais preconcebidas, sobre os condicionamentos internos que impulsionam essa onda migratória.

Os termos associados a emigrantes e imigrantes cubanos constituem os enquadramentos que definem categorias de sujeitos tipificados. Essas categorias ou enquadramentos, segundo Butler (2015), norteiam nossa forma de avaliar o outro sem ter a necessidade de compreendê-lo, apenas de julgá-lo de acordo com padrões preestabelecidos e muitas vezes naturalizados. Ao mesmo tempo, estruturas desmoralizantes afetam o modo autônomo de ação e as possibilidades de escolha do sujeito estigmatizado. Assim, entendemos que os nomes impostos aos sujeitos (identidades sociais hierarquicamente impostas), geralmente empregados no plural nas conversações, fazem parte de estratégias discursivas construídas anteriormente para sustentar um projeto político que não admitia antagonismos ideológicos ou diversidade de opiniões. A sobrevivência deste "sonho revolucionário" justificou o estabelecimento de limites estritos entre "eles" – aqueles que não se integram – e "nós" – os "revolucionários" que, apoiando o sistema, teriam alcançado um estágio superior na escala moral da sociedade socialista.

As duas sequências de trechos de conversações apresentadas a seguir decorrem de interações ocorridas no final de 2017, quando o governo cubano anunciou um conjunto de medidas que permitiam o retorno, em particular, de migrantes que saíram ilegalmente de Cuba e que foram impedidos de retornar antes de decorridos oito anos[17]. Embora se trate de medidas que o artigo veiculado por Cubadebate considerou favoráveis e positivas, por favorecerem a abordagem positiva do governo cubano à diáspora (anteriormente rejeitada), os interlocutores recriam outros enquadramentos de sentido por meio das conversas *online*. Após a anulação dessa punição para os *balseros*, os interlocutores questionam a persistência da proibição de retorno imposta aos médicos acusados de "abandonar" as missões cooperativas oficiais no exterior, também chamados de "desertores"[18], e que permaneceram constrangidos pela mesma forma de punição[19].

17 Cuba anuncia quatro novas medidas migratórias. Notícia publicada em 28/10/2017, com 163 comentários. Disponível em: http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/10/28/cuba-anuncia-cuatro-nuevas-medidas-migratorias/#.W9NdZZP0nIV; acesso em: 23/07/20.

18 Este é um dos nomes historicamente atribuídos aos emigrantes cubanos, segundo a lógica do "lugar sitiado" que caracterizou o contexto das ameaças internacionais à Revolução.

19 O governo cubano havia autorizado, em fevereiro de 2017, o retorno (antes dos oito anos de punição) desses médicos que abandonaram as missões oficiais de trabalho no exterior, mas apenas com a condição de se reintegrarem definitivamente ao sistema nacional de saúde.

Médicos desertores e traidores[20]

1 – Via (28.10.2017 às 19:22)
Olá, no caso dos médicos desertores que abandonaram as missões e que antes de um prazo de 8 anos não podem voltar a Cuba, esta lei prevê a sua entrada ???

2 – Jorge (29.10.2017 às 3:04)
Aqueles que deixaram as missões do governo cubano, sejam médicos ou não, não deveriam jamais ser autorizados a retornar a Cuba.

3 – Juan Carlos (30.10.2017 às 9:54)
Jorge, você sente um ódio doentio ... só os militares usam o adjetivo desertor, não os civis. De acordo com a Declaração Universal das Nações Unidas, todos têm o direito de sair e entrar em seu país, independentemente de como tenham emigrado. Além disso, são os profissionais que não podem voltar a Cuba que trazem recursos para a economia cubana. Você, nem mesmo em seus sonhos, pode fazer esse sacrifício. Não separe os cubanos ... dedique-se a uni-los.

4 – Yoannia (30.10.2017 às 15:14)
Relaxem porque somos todos cubanos e mesmo que tenham cometido um erro, não devem ser penalizados para sempre ... já que a maioria não sai do país por questões políticas, mas para ajudar suas famílias. Além disso, é por meio deles que chega boa parte das remessas de dinheiro que entram no país. Não devemos esquecer que somos todos metaforicamente filhos da mesma mãe. Em outras palavras, somos todos irmãos, mas nem todos precisam pensar e agir da mesma forma. Concordo com a ideia de que devam ser penalizados de uma forma ou de outra, mas impedi-los de regressar ao seu país? Isso é maldade ...

5 – Misil (30.10.2017 às 15:33)
Bem, Juan Carlos, não vamos chamá-los de DESERTORES, para que não digam que somos militares. Embora todo revolucionário em nosso país seja um combatente, vamos chamá-los de TRAIDORES.

6 – Pedro (11.2.2017 às 21h05)
Isso é o que você diz porque ninguém da sua família é médico e está enviando dinheiro para você. Caso contrário, outro galo cantaria.

20 Roteiro para ler os exemplos de troca de conversação: a) os cabeçalhos foram removidos, exceto o dia e a hora em que cada mensagem foi postada; b) os autores das mensagens são designados por apelidos que aparecem no site Cubadebate; c) a cada mensagem foi atribuído um número que corresponde ao seu número de sequência no decorrer da discussão (dada a natureza assíncrona das trocas, indicamos quem está respondendo a quem). Essa operação foi possível uma vez que, no fórum, os participantes usam a citação direta para responderem uns aos outros; e) a grafia original foi mantida.

Por outro lado, as políticas migratórias estão sempre ligadas à necessidade de, sobretudo, levar em conta os estilos de vida marcados pelas conversações cotidianas e pelas vulnerabilidades que definem as condições de autonomia e reconhecimento dos cubanos. Para exercer sua autonomia, o indivíduo não depende apenas de um ambiente semântico-simbólico que lhe permita perceber a si mesmo de forma digna e respeitosa, mas também está vulnerável a ambientes hostis e atitudes desvalorizadoras que violam ou limitam mais diretamente sua ação autônoma. Assim, uma noção de justiça social comprometida com a proteção da autonomia dos indivíduos deve incluir uma reconfiguração dos padrões de apreciação moral das vidas e a proteção contra ameaças de depreciação e desprezo (Honneth & Anderson, 2011, p. 98).

A disputa pela reconfiguração desses quadros perpassa as diversas temporalidades que caracterizam tanto os movimentos migratórios cubanos quanto esse espaço discursivo, muitas vezes permitindo o surgimento de um conflito moral amplificado em suas dimensões políticas. O confronto, a oposição, o binarismo resultante das construções temporais da tensão "nós em oposição aos outros" e reconfiguradas nas interações comunicativas também revelam as operações de poder presentes nesses processos discursivos. Com relação às redes sociais, Martino (2016, p. 5) aponta que "marcas radicais de identidade" podem estipular relações binárias de natureza oposicional, revelando a origem das relações de poder que atravessam a circulação de discursos sociais. Observamos que muitos dos conflitos que articulam os fios mais elaborados nas conversações que ocorrem no *site* Cubadebate se constituem como disputas de sentido sobre a figura do cubano que emigrou ou quer emigrar, fazendo uma conexão entre questões de julgamento moral, processos políticos e temporalidades que se entrelaçam na interação.

Este conflito se torna ainda mais visível quando a possibilidade de retorno a Cuba encontra o imaginário do "não retorno" que perpassa a historicidade da migração cubana. Os exemplos a seguir também são excertos de uma conversação ocorrida durante a implementação das medidas de imigração cubana no final de 2017[21]. A partir dessa discussão, os interlocutores buscam comparar o impacto das sanções e leis cubanas sobre médicos que deixam missões oficiais e emigrantes que saem do país em jangadas artesanais, a partir de argumentos que se

21 ¿Qué significan las nuevas medidas migratorias de Cuba? Artigo publicado em 29/10/2017, com 228 comentários. Disponível em: http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/10/29/que-significan-las-nuevas-medidas-migratorias-de-cuba/#.W9NelpP0nIV; acesso em: 24/05/20.

localizam no cruzamento das noções de justiça, legalidade e direitos desenvolvidos a partir de uma experiência de migração coletiva.

"Balseros" e desertores

1 – Luis (29.10.2017 às 0:16)
O governo vai deixar os balseros entrarem porque a lei dos "pés secos, pés molhados" acabou, mas não vai deixar os médicos entrarem? Parece uma injustiça para mim.

2 – Lucrecia Makensy (30.10.2017 às 7:45)
Eles têm que pagar o que devem quando violam um contrato de trabalho. Acho que esperar 8 anos é melhor do que ir para a cadeia, não acha?

3 – AVD (30.10.2017 às 14:07)
Com todo o respeito, Lucrecia, você sabe quantos contratos estão sendo violados aqui no país e nada está acontecendo? Por favor, coloque os pés no chão. Além disso, conheço pessoas que abandonaram a missão e deixaram todo o dinheiro na conta. Não justifico as atitudes, mas este é o país onde nasceram e que ninguém pode mudar isso.

4 – Octavio (30.10.2017 às 9:55)
Eles nunca deveriam ter permissão para retornar. Estavam em missão médica para ajudar outros países, com benefícios, despesas pagas e desertaram, jogando a imagem de Cuba no lixo.

5 – Raiko (30.10.2017 às 18:20)
Você fala isso porque não sente o que estão passando: se você tivesse um filho, sobrinho ou neto nessa situação, seu comentário seria diferente.

6 – Albon (30.10.2017 às 12h46)
Os balseros não violaram nenhum compromisso, mas os médicos violaram o compromisso que ACEITARAM e FIZERAM antes de partir para o exterior. Não é a mesma coisa.

7 – Anibal (30.10.2017 às 16:48)
E o balsero que levou o filho menor ao mar para não deixá-lo para trás? E quem roubou combustível, o motor, o barco para viajar? Quantos crimes para colocar uma jangada no mar? Eles não arriscaram nada, não deixaram seus empregos? Que crueldade no seu comentário e que ignorância !!!!!

O que está em jogo agora é uma reorganização dos lugares sociais conferidos ao sujeito na intersecção dos direitos do indivíduo, do projeto de política social e das atribuições do Estado. Entre as atitudes adotadas pelos interlocutores estão as que defendem o direito do governo de reter mão de obra qualificada e, embora sua visão seja mais radical ou moderada, a maioria das opiniões destaca que essa "deserção" é um problema de "traição" ou pelo menos um "erro" que deve ser corrigido. Outro fio argumentativo que desencadeia o conflito que envolve nomes e direitos revela questões centrais dentro dessas conversas: os médicos são mais valiosos do que imigrantes ilegais (*balseros*) e, portanto, devem ser considerados uma prioridade para a suspensão da pena? Ou os desertores devem continuar a ser punidos por violar contratos governamentais e abandonar seu povo? O dilema nós/eles parece se desdobrar aqui em outras condições não consideradas antes, mas que reproduzem os moldes das temporalidades que organizam a experiência coletiva da sociedade cubana no fenômeno migratório.

6. Cubano *de a pie* e lugar de fala hoje

Há uma tendência a supor que os ataques morais contra os cubanos que emigram partam de indivíduos alheios a esse tipo de experiência individual e familiar: lugar de fala que seu posicionamento legitimaria. Assim, a personalização das trocas muitas vezes vai além do nível argumentativo, contornando as barreiras tecnológicas e o anonimato. Essa articulação entre as histórias de vida dos sujeitos e suas *performances* como interlocutores também aparece nas conversas por meio da voz do cubano *de a pie*, outro papel desempenhado pelos atores da cena interacional.

Diante de comentários ofensivos que colocam a emigração como opção reservada aos preguiçosos e bandidos, reclama-se o lugar do trabalhador honesto sustentado economicamente pelo seu salário de profissional (geralmente com referência ao setor público). Por outro lado, como grande parte da população, tais comentários indicam a emigração como uma possibilidade de melhorar sua qualidade de vida. Alguns participantes do fórum consideram injusto e incorreto que a emigração anule o esforço do governo cubano de formar profissionais de qualidade gratuitamente. Outros, sem, contudo, expressarem explicitamente suas posições radicais, questionam a chamada pirâmide social invertida que afeta a relação trabalho-salário em Cuba; os profissionais recebem salários muito diferentes em termos de qualificação, enquanto os cidadãos desempregados têm acesso a maior renda e qualidade de vida.

Observamos em diversos comentários que a migração era compreendida e às vezes justificada por uma narrativização do cotidiano do cubano *de a pie*, personagem construído discursivamente e que associa testemunhos individuais a características do sistema político do país. Durante sua visita aos Estados Unidos na ocasião, um

comentarista assinalou que as pessoas que ali viviam e recebiam subsídios para alimentação enfrentavam as mesmas dificuldades que em Cuba e que se você estivesse na ilha na época, não poderia nem comentar no fórum por causa dos altos preços da conexão à internet.

Esse lugar de fala resiste às tendências de romantizar os trabalhadores como livres e isentos de dificuldades, a fim de homogeneizar uma experiência absoluta dessas vidas sob o modelo de uma massa popular: o proletariado emancipado e feliz, em um contexto isento de antagonismos no mundo, em que só ficaram os que estavam próximos, porque os outros foram apanhados na onda migratória. O cubano *de a pie*, construído coletivamente nessas trocas graças a autorrelatos e conflitos com a alteridade, também emana de outra temporalidade: o tempo do cotidiano vivido na ilha durante essas décadas, estabelecendo assim outras formas de olhar para os que ficaram e para os que partiram.

O cubano *de a pie* é uma figura que surge frequentemente quando os interlocutores comentam sobre a emigração como consequência de problemas internos do país, e não exclusivamente do estímulo das políticas americanas ou da ambição material de certos indivíduos. É uma voz que busca legitimar demandas coletivas em prol da melhoria das condições de vida, do direito a um salário mínimo que possibilite a sobrevivência até o final do mês e do reconhecimento do valor de seus profissionais, conforme figura na fala de um dos interlocutores. Essas demandas, desenvolvidas e discutidas em um espaço público já marcado por limitações às críticas ao governo, fraturam noções de justiça vinculadas às relações entre Estado (Partido, Revolução) e cidadãos (povo, massa), e questões abertas sobre o valor de um projeto político apoiado ideologicamente pela classe trabalhadora.

Nesta intersecção de espaços públicos e histórias privadas possibilitada pela conversação *online*, falar em nome dos outros também se torna, neste caso, uma forma de falar de si, da sua história, do seu tempo vivido e da sua experiência em Cuba hoje. Surge, assim, um imaginário baseado nos papéis atribuídos a determinados sujeitos em uma sociedade em que temporalidades se sobrepõem e colocam cotidianamente o ideal socialista em tensão. Também é possível tematizar a definição de uma governamentalidade biopolítica dos órgãos coletivos, que impõe disciplina e controle por meio do estabelecimento de normas, leis e também do fortalecimento de valores ideológicos através da mídia e de seus enquadramentos discursivos.

O trecho a seguir pertence às discussões sobre a eliminação da política norte-americana de "pés secos, pés molhados"[22], medida do governo do presidente dos Estados Unidos Barack Obama, que tem levantado questionamentos entre os cubanos sobre a migração como meio de "fuga" diante da impossibilidade de mudança socioeconômica da sociedade cubana e seu regime administrativo. Neste sentido, a dimensão histórica desta política migratória revela também as relações entre exilados e famílias em Cuba (através de remessas de dinheiro, por exemplo), bem como as diferenças entre os cubanos que podem emigrar ("melhorar de vida") e os "cubanos *de a pie*" que continuam a ser oprimidos pelas dificuldades econômicas diárias da ilha.

Cubano *de a pie:* precariedade e sacrifício

1 – Dopinder (30.10.2017 às 22:05)
Nasci em Cuba e me sinto cubano de coração, quero contribuir para a construção de meu país, para o bem de todos, tenho que ir a outro lugar para poder ganhar mais 4 pesos e ajudar minha família. A maior parte dos que saem não é por problemas ideológicos ou políticos, nem por guerras como em outros países: é por causa do problema econômico... é aqui que deveria haver mudanças mais profundas.

2 – Isabel (30.10.2017 às 23:19)
Quer dizer, sou "cubana de a pie", moro em Cuba, tenho uma caderneta de mantimentos e compro produtos na fazenda, viajo a pé ou de ônibus. Estou escrevendo agora porque estou visitando os Estados Unidos, mas voltarei a Cuba em breve. Se eu estivesse em Cuba, não poderia me dedicar a ler e escrever tantos comentários porque o minuto do wifi *é sempre muito caro. Sou daquelas que não calam o mal e o que considero injusto. Quero que meu país evolua sem perder seus ganhos sociais. E quero que essas conquistas sociais sejam da mais alta qualidade para o povo cubano. E onde estou, não critico o que considero errado. Só faço isso quando estou no meu país, frente a frente com impostores e oportunistas.*

A interação comunicativa resultante da conversação muitas vezes permite (e em condições nas quais os interlocutores estão melhor protegidos das assimetrias e da violência) nos reconhecermos como seres dignos de valor perante os outros e cria condições propícias ao desenvolvimento da autoconfiança, do autorrespeito e da autoestima. Essas três formas de relacionamento consigo mesmo

22 Barack Obama pone fin a la política 'pies secos, pies mojados' (+Declaración). Notícia publicada em 12/01/2017, com 279 comentários. Disponível em: http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/01/12/fuentes-no-oficiales-barack-obama-pone-fin-a-la-politica-pies-secos-pies-mojados/#.W9NYK5P0nIU; acesso em: 24/05/20.

são, como destaca Honneth, propriedades resultantes de um processo dinâmico em que aos indivíduos é atribuído um determinado status, seja como um alvo de preocupação, um agente responsável ou um contribuidor valioso para projetos compartilhados (Honneth e Anderson, 2011, p. 88). Tais condições de intersubjetividade permitem que os indivíduos se constituam como sujeitos políticos e autônomos por meio de um processo relacional no qual sua atitude para consigo mesmos emerge na interação com a atitude do outro, no encontro com a alteridade.

Uma das dimensões dessa autonomia relacional diz respeito à formação de expectativas e pedidos de reconhecimento, modelados coletivamente por meio de projetos de vida e da articulação de temporalidades. Esses são aspectos que consideramos relevantes para refletir sobre os processos de politização das conversas *online*, pois "a percepção do tempo é amplificada e abre possibilidades para a configuração de passagens entre trajetórias de vida individuais e coletivas" (Galindo Cáceres, 1999, p. 15).

Essa reflexividade também emerge do impacto das migrações nas narrativas e formas de vida cubanas, por meio de uma realidade diaspórica transnacional que não se limita aos deslocamentos físicos, mas cria possibilidades e destinos coletivos para um povo (Mandianou, 2014). Assim, experiências articuladas de migração combinam – por meio de interações sociais – aspectos afetivos, econômicos e políticos que levam a falar e formar alianças no espaço público de discussão, impulsionando a revisão de normas e exigindo um processo incessante e conflituoso de construção individual e coletiva de um horizonte moral e de quadros de sentido que norteiem a justiça, o reconhecimento e a conciliação entre a experiência e a ética.

7. Considerações finais

Abordar o processo migratório como uma questão delicada e que atinge toda uma sociedade, aqui Cuba, mostra como um quadro moral que visa classificar os tipos de cubanos e julgar seus comportamentos é construído coletivamente no espaço público, a partir de uma constante redefinição de marcos temporais que situam os sujeitos em relação aos discursos subjacentes aos diferentes momentos do mapa imaginário migratório cubano das últimas décadas. O paradoxo entre o projeto migratório (que faz parte da política cubana) e a hostilidade aos cubanos que querem migrar intensifica o atrito entre a permanência e o deslocamento dessas identidades discursivas em interação: traidor, desertor, *chevron*, cubano *de a pie*. Essa dimensão política da interação e conversação *online* emerge relativamente ao contexto e às temporalidades desencadeadas pelas trocas e vai além de domínios, arenas ou conteúdos explícitos da conversação.

O fato de os interlocutores considerarem relevante discutir se um médico cubano é chamado de "desertor" ou não, bem como o fato de apreciarem pesquisas para esclarecer as distinções entre "desertores", "traidores", "balseiros", "todos cubanos", são gestos que sublinham como os lugares sociais se formam na interação discursiva, trazendo as marcas das temporalidades que perpassam a permanência ou o deslocamento dessas identidades. Ao fazê-lo, os sujeitos evidenciam hierarquias sociais latentes nessa sociedade e questionam uma ordem preestabelecida de relações entre o Estado e o povo, que seria determinada pela concessão ou restrição do direito de migrar, ou mesmo de impedir, temporária ou permanentemente, o retorno ao país de origem. A travessia da fronteira torna-se um elemento simbólico que articula os processos políticos graças à conversação, uma vez que os sujeitos elaboram discursivamente um conflito social que passa pela busca da autonomia à luta por direitos e pela reconfiguração das estruturas que limitam a autodeterminação e autorrealização dos indivíduos.

Desse modo, o complexo processo de construção da autonomia também envolve o reconhecimento de si mesmo como dependente de uma densa e rica teia de relações que muitas vezes decorre da sabedoria extraída de um lento trabalho de identificação e processamento das experiências de agressão, violência, humilhação e negação de reconhecimento. Traçando as ações nessas redes, localizando-se ali, encontrando-se reféns de uma série de lógicas, operações, objetos, pessoas, instituições que moldam o trabalho das minorias, os migrantes podem elaborar uma arte menor do cotidiano, combinando meios de tematizar e tratar as agressões e sofrimentos sofridos com o desenvolvimento de uma linguagem que lhes permita obter a expressão mais adequada e justa de suas experiências e traumas. Nomear, reconhecer, tratar, inventar nas redes em que os sujeitos estão inseridos são gestos claros de resistência e de reconfiguração das suas múltiplas vulnerabilidades situadas (Marques, 2016).

Os atores envolvidos na dinâmica argumentativa e dramática da interação devem ser capazes de se desidentificar com os nomes que lhes são atribuídos de forma hierárquica. Devem também desenvolver novas formas de vida, práticas cotidianas de criação permanente e de sedimentação constante de ideias, de sentido e de conteúdo ético, moral e político: especialmente se pensarmos nos modos de viver e de se mover, nas formas de continuar a viver apesar dos obstáculos, das violências e dos momentos de ruptura que sinalizam a vulnerabilidade das vidas (Macé, 2018). Uma forma de vida é o resultado de um processo intersubjetivo de invenção cotidiana que é

usado em bricolagens para tecer uma teia muito complexa de possibilidades, potências, recursos, táticas e arranjos para sensibilizar outra imaginação política, outro comum. Segundo Macé (2018), uma forma de vida é o resultado das forças que tornam possíveis a sobrevivência, a resistência e a insistência em fazer e refazer, no quadro da experiência de individuação (singularização reflexiva de sua própria trajetória), um lugar para habitar o tempo outramente.

A conversação *online* é um processo que permite que os indivíduos se vejam como participantes de um debate que está além deles e, ao mesmo tempo, possibilita que falem e se expressem no espaço público. As condições de politização, oferecidas pelos espaços protegidos da rede da internet e pelo esclarecimento de questões relativas à identidade dos indivíduos que ali constroem seus vínculos comunicacionais, estão justamente vinculadas à capacidade dos agentes de tecer argumentos capazes de relacionar suas histórias individuais com os fatos concretos que testemunham sua opressão. A interação destinada a definir e interpretar um problema político permite que os indivíduos apliquem seus conhecimentos práticos e os submetam à apreciação e julgamento de outros. Além disso, as trocas *online* exigem uma posição no debate em relação aos valores e pontos de vista compartilhados com os parceiros de interlocução.

No entanto, os participantes tendem a se engajar no diálogo para reiterar seu ponto e vista, rejeitando ou criticando sistematicamente o que os outros dizem, ainda que por vezes seja possível ver trocas em que os interlocutores solicitam opiniões, esclarecimentos ou justificações aos demais participantes. Nesse caso, discutir uma questão delicada em torno do tema da injustiça pode, então, revelar experiências de exclusão e negação de reconhecimento que remetem os interlocutores a posições desvalorizantes e impostas pela sociedade. No caso do fórum aqui analisado, constatamos que muitas vezes os participantes falam de sua dignidade ou dão exemplos de situações em que sofreram alguma forma de humilhação. Assim, as experiências migratórias articuladas associam, através de uma conversa politizada, aspectos emocionais, econômicos e políticos que conduzem à conversa, conduzem à formação de alianças no espaço público de discussão, estimulam a revisão de normas e demandam uma processo incessante e conflitivo de construção individual e coletiva de um horizonte moral e de marcos de sentido que norteiem a justiça, o reconhecimento e a conciliação entre a experiência e a ética.

A interpretação discursiva e intersubjetiva da migração não se refere apenas ao deslocamento dos sujeitos, mas também abarca dimensões institucionais, coletivas e emocionais que vão além do quadro individual e abrem novas possibilidades de reestruturação de um mundo comum e em constante movimento. Em última análise, o espaço discursivo do fórum Cubadebate nos oferece uma imagem mínima de todas as palavras e afetos que podem descrever uma nação física e emocionalmente dispersa. No entanto, é importante destacar que a capacidade de reflexão também emerge do impacto das migrações na narrativa e no modo de vida cubano, por meio de uma realidade diaspórica que não se limita ao deslocamento físico, mas que estabelece as possibilidades e os destinos coletivos de um povo.

Referências

ALFONSO, Liudmila Morales; SÁNCHEZ, Liosday Landaburo. 2017. Migrantes y vida pública en Cuba: Estrategias transnacionales de ciudadanos cubanos residentes en Ecuador. *Regions and Cohesion*, **7**(3):8-29.

AMERICAN Community Survey 1 year PUMS Data, 2017.

ARBOLEYA, Jesús. 2015. *Cuba y los cubanoamericanos: el fenómeno migratorio cubano*. La Habana, Editorial Casa de las Américas.

BUTLER, Judith. 2015. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CORTEZ, Sosa Charleene. 2016. Tendencia de la migración cubana y su impacto en la región centroamericana. *Revista Latinoamericana de Derechos Humanos*, número monográfico extraordinario Tendencias de las migraciones, 2016, p. 145-167. Disponível em: https://goo.gl/dBr9hW; acessado em: 15.04.2019.

DATOSMACRO.COM. 2015. Cuba: emigrantes totales. *Expansióne*. Disponível em: https://goo.gl/VRc8ef; acessado em: 03.05.2019.

DÍAZ, Aja Antonio *et al*. 2017. La migración internacional de cubanos: Escenarios actuales. Cuban International Migration: Current Scenarios, Novedades en Población, **13**(26).

DUANY, Jorge. 2005. La migración cubana. *Encuentro de la Cultura Cubana*, **36**:164-181.

ECKSTEIN, Susan. 2009. *The Immigrant Divide: How Cuban Americans Changed the US and Their Homeland*. New York, Routledge.

GALINDO CÁCERES, José Luis. 1999. Del objeto percibido al objeto construido: El saber sobre la práctica, sistemas y mundos posibles. *Estudios sobre las culturas contemporáneas*, p. 9-24.

HERNÁNDEZ, Elisa B.R. 2020. A politização no cerne do processo comunicativo: uma proposta metodológica para abordar conversações online. *In:* Olívia PILARET *et al*. (ed.), *Comunicar, insurgir: engajamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação*. Belo Horizonte, Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, p. 21-38.

HERNÁNDEZ, Elisa B.R.; MARQUES, Ângela C.S. 2019. El debate público online en Cuba: sujetos interlocutores y politización de conversaciones sobre migración en el sitio Cubadebate. *Commons: Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital*, **8**(2):80-121.

HERNÁNDEZ, Elisa B.R.; MARQUES, Ângela C.S. 2020. O anonimato online como ponte entre experiências cotidianas e presença digital na performance identitária. *Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, **8**(18):49-74.

HERRERA, Alexei Padilla. 2016. *A mídia religiosa na esfera pública em Cuba: o papel desempenhado pela revista Espacio Laical.* Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

HONNETH, Axel; ANDERSON, Joel. 2011. Autonomia, vulnerabilidade, reconhecimento e justiça. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, **17**:81-112.

MACÉ, Marielle. 2018. *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

MANDIANOU, Mirca. 2014. Polymedia communication and mediatized migration: An ethnographic approach. *In:* K. LUNDBY (ed.), *Mediatization of Communication*, vol. 21. Berlin, Walter de Gruyter, p. 323-346.

MARQUES, Ângela C.S.; MARTINO, Luis M.S. 2017. A politização das conversas cotidianas e suas relações com processos deliberativos. *E-compós*, **20**(1):1-18.

MARQUES, Ângela C.S. 2016. Dimensões do processo comunicativo na deliberação online: trocas argumentativas, criação de cenas dissensuais e construção do sujeito político. *In:* Ricardo MENDONÇA *et al*. (ed.), *Democracia Digital: publicidade, instituições e confronto político*. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 237-262.

MARTINO, Luis M.S. 2016. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. *Lumina*, **10**(2):1-18.

ONEI. 2005. *Anuario Demográfico de Cuba*. Disponível em: https://goo.gl/qb3dcM; acessado em: 02.04.2019.

ONEI. 2015. *Anuario Demográfico de Cuba*. Disponível em: https://goo.gl/qb3dcM; acessado em: 02.04.2019.

PADILLA, Alexei; RAMÍREZ, Elisa B.; CORCHO, David. 2017. Comunicación pública y democracia en Cuba: las controversias entre medios estatales y alternativos. *In:* A. CABRAL *et al*. (ed.), *New Concepts and Territories in Latin America/Nuevos Conceptos y Territorios en América Latina.* São José dos Pinhais, PR, Página 42, p. 494-519.

PEDRAZA, Silvia. 19.05.2008. Olas migratorias desde 1959: entre el desencanto y la desesperanza. Cubanet. Disponível em: https://goo.gl/HhTzk3; acessado em: 02.04.2019.

RUSSI, Pedro. 2016. Problemáticas concernientes a la relación comunicación-migración. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, **24**(46):11-22.

SALAZAR, Salvador. 2017. Acercamiento al sistema de medios de comunicación en Cuba. *Estudios Latinoamericanos, Nueva Época*, **39**:37-50.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. *A imigração: os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP.

WIHTOL DE WENDEN, Catherine. 2016. As novas migrações. *Revista Internacional de Direitos Humanos Sur 23*, **13**(23):17-28.

Artigo submetido em 22-05-2020
Aceito em 09-05-2021